

Conversas da NEL para o X Enapol AMOR E EXILO

Dupla coordenadora: Sofia Guaraguara e Inés Anderson

Membros: José Altamirano, Yohanna Basgall, Lore Buchner, Andreea Brabete, Andrea Castillo, Marcelo Denis, Jorge Farah, Micaela Frattura, Magda Gómez, Martín Lamadrid, José Revollo, María Ruiz, Isabel Salazar, Audrey Suarez, Andrea Zúñiga López.

Quer vivamos ou não no nosso país de origem, o tema do amor e do exílio preocupa-nos de uma forma ou de outra. Somos todos, em certo sentido, estrangeiros.

No coração de cada um de nós, existe uma parte desconhecida (1). É o que Lacan chama de extimidade. Quando tentamos apanhar o que nos acontece, há sempre um resto, uma parte que escapa, algo indescritível. Pela sua parte, Miller define o éxtimo como o que está mais próximo, o mais interior, sem deixar de ser exterior ou o oposto da intimidade. A extimidade indica que o que é mais íntimo está no exterior, que é como um corpo estranho. "Um imigrante é o próprio estatuto do sujeito em psicanálise, o sujeito enquanto tal, definido pelo seu lugar no Outro, é um imigrante (...) o problema do sujeito é que este país estrangeiro é o seu país de origem" (2) ... Miller sublinha que o próprio Freud tinha o estatuto de imigrante, de extimidade social.

Segundo Miller, há um hiato no coração da identidade, o sujeito é então condenado a apegos, que, por mais identificadores que sejam, não conseguem cobrir este hiato consigo mesmo.

Haveria diferentes envolvimentos desse hiato, sejam políticos, religiosos, amorosos, psicológicos ou psicanalíticos ...

EXÍLIO, AMOR E POLÍTICA

O que pode ligar o exílio, o amor e a política?

Veja-se o caso dos refugiados. O Estado exige que eles sejam como os outros, que se tornem parte do Um do seu novo país. Mas sabemos de Lacan que o desejo de fazer Um é impotente. Num jogo quase Hobbesiano de reconhecimento, é feita uma tentativa em alguns casos de apagar o que do sujeito seria um obstáculo à integração no Um. Mas muitas destas pessoas, confrontadas com grupos terroristas ou situações violentas, já passaram por uma escolha forçada: o saco ou a vida (3). Não é sem esta marca que eles procuram refúgio num novo lugar.

Mesmo nestes casos, o sujeito não escapa ao jogo do reconhecimento, e, para isso, às vezes ele tenta selar o que não para de não ser escrito, para escrever, com tinta e procedimentos burocráticos, algo que faz existir a relação sexual: o contrato de C.I.R. assinado pelos refugiados em França (4). Marie-Hélène Brousse diz-nos que o que caracteriza o nosso século é um impulso à universalização, que apenas alcança uma segregação que multiplica as barreiras, ou seja, as fronteiras multiplicam-se à medida que avançamos nesta busca" (5).

Há sempre um *petit a* no sujeito, o que o tornará sempre um desconhecido entre os conhecidos. Haverá sempre uma marca, um detalhe, um modo de vestir, uma forma de pronunciar uma palavra que o tornará infalivelmente um estrangeiro. O que é desconfortável está do lado do Outro que goza de forma diferente. As vezes surge a vontade de impor uma forma de gozar, o Outro deveria desfrutar como eu quero que ele desfrute, para que eu possa amá-lo (6). A luta é

um choque de modos de gozar (7). É quase como se a luta fosse inevitável, uma vez que se desenrola no ponto mais basal da constituição do sujeito. Christianne Alberti sublinha que a “identificação ao outro do espelho, é você ou eu, somos nós ou eles; o eu(moi) é constituído com base no outro. É assim que estamos integrados na comunidade humana, valor positivo da alienação ao outro e, ao mesmo tempo, tingidos de agressividade” (8).

Mas, segundo Marcel Gauchet (intelectual, cientista político, filósofo e sociólogo francês que leu Freud e Lacan), o político é precisamente um lugar de fratura. A política é "o lugar onde a verdade fractura-se". Miller propõe ler a fórmula de Lacan de "o inconsciente é a política" (9) com o apoio da frase de Gauchet: o inconsciente, tal como a política, é transindividual, que, tal como *o Witz*, como processo social, encontra o seu reconhecimento e satisfação no Outro, como uma comunidade unificada no instante do riso. Na verdade, para Miller o inconsciente, tal como a política, depende "da história da discórdia do discurso universal".

DUELO, AMOR E EXÍLIO

O exílio também pode ser lido à luz do duelo. "O duelo é, por regra, a reacção à perda de uma pessoa amada ou de uma abstracção que toma o seu lugar, como a pátria, a liberdade, um ideal, etc." (10), diz Freud. A melancolia seria a perda cujo duelo se torna impossível à medida que o sujeito se identifica com o que foi perdido.

Freud afirma que "o duelo é a resposta e a reacção à perda do objeto (objeto de satisfação, de amor, ou hostil)" (11). Ou seja, o objeto amado e perdido tinha a função de manter o desejo e organizá-lo como uma fonte de satisfação – insatisfação suportável. Se a satisfação ou insatisfação for desproporcionada (sem limites), a dor também resulta assim. Pode vir do *partenaire*, da integridade corporal, do reconhecimento do outro, da pátria. As razões para migrar são subjetivas, singulares, por exemplo, políticas, económicas, amorosas, etc. Muitas vezes, muito antes de se decidir deixar o próprio país, experimenta-se um sentimento de exílio.

Sabemos com Lacan que cada sujeito nasce alienado pelo discurso do linguagem do Outro. Segundo François Ansermet (12), o bebé nasce exilado do linguagem porque é anterior ao seu nascimento, já existe antes da sua chegada. E terá de encontrar uma forma de lidar neste mundo do Outro que o precede. Flavia Hofstetter (13), voltando para Lacan, diz que não há alternativa, terá que se alienar ao Outro do linguagem, adoptando-o, embora depois tenha de se separar para não permanecer eternamente alienado.

O exilado revive aquilo que todo sujeito experimenta quando entra na terra estrangeira do linguagem: sentem-se alienados e perdidos na nova língua, que primeiro compreendem antes de a poderem falar. O risco de regressar a este primeiro exílio está sempre presente, embora não apenas para os migrantes (14). Na alienação, há uma aceitação de se inscrever no discurso do Outro, mas sempre a um preço, há sempre uma perda, a perda da separação para se poder reinventar diariamente no país escolhido.

Já num novo território, o carácter particularmente doloroso do duelo pode tornar-se presente, como flashes vívidos, aromas, sabores, que evocam a sensação fantasma do membro amputado. Se esta perda reaviva dor de ser empurrado a viver outra realidade (escolhido e exilado), abre, por sua vez, a possibilidade do encontro, de novas experiências, de continuar a encontrar-se novamente como sujeito de desejo na busca de novos desafios, de novos conhecimentos...

A ESCRITURA, O EXÍLIO, UM NOVO AMOR (15)

A escritura pode ser o lugar que certos *parlêtres* encontram para poderem lidar com o seu estado de exílio, já que o *stabitat* é uma língua que é sempre forçada. Poderíamos dizer que é a língua que atribui residência a um parlêtre, num corpo marcado por este primeiro encontro com o significante.

A poesia poderia ser pensada como um "falar em outra parte de outra maneira" (16), como uma criação do poeta sempre exilado da linguagem (17). Freud afirma que a "atividade criativa do poeta" (18) é o resultado de "diminuir a distância entre a sua singularidade e a essência humana" (19).

A escritura poética de Ghérasim Luca articula três significantes: amor, exílio e lalíngua. A sua experiência mostra que um *parlêtre* se inventa, a partir da escritura, uma forma de fazer com "o impossível de suportar", não sem experimentar um exílio geográfico que é, acima de tudo, linguístico (20). A gagueira inventada (21) por Luca demonstra como cada corpo falante tem uma relação de "estrangeirismo". Ele leva o seu exílio linguístico ao paroxismo (22).

A poesia inclui o que é impossível dizer, o que escapa ao sentido e ressoa na materialidade da linguagem. Luca testemunha da sua "lalíngua", a marca traumática do seu primer exílio, ao transformar a sua escritura poética naquele possível local de residência.

Esta forma de exílio da linguagem comum que por um "esforço de poesia", cada parlêtre pode dizer-se e abrir-se a um novo amor do que, através da letra, é escrito. "A língua 'privada' do sujeito nunca é tão única como o sonho da língua materna que a sustenta. O amor do inconsciente não é o amor desta suposta primeira língua. É um novo amor (...)" (23) que o poeta e o analisando encontram nos equívocos da lalíngua, no que está escrito na palavra.

A RELAÇÃO SEXUAL NÃO EXISTE

Pensa-se muitas vezes que o trabalho de Freud consistia em descobrir uma espécie de fixação sexual por detrás de todo o pensamento, que seria o "pansexualismo" freudiano. Podemos concordar com este pansexualismo na condição de compreendermos a palavra "sexualidade" como algo que encontra o seu sentido naquilo a que Freud chamou a rocha da castração, um obstáculo inerente à própria sexualidade. Confiando na lógica dos predicados, Lacan interpreta o dizer de Freud: "Não há relação sexual" (24).

Não há possibilidade de escrever a relação sexual. Não há nenhuma proposta capaz de relacionar a variável-argumento "homens" e a variável-argumento "mulheres" através de uma função-predicado. "Não se trata de marcar o significante-homem como distinto do significante-mulher, e chamar um x e o outro y " porque a relação, em tudo o que diz respeito à sexualidade para o ser humano, é uma relação com a função fálica. É disto que se trata a escrita das fórmulas da sexuação. Em suma, "(...) sexo não define nenhuma relação no ser falante" (25).

Começamos a vida como exilados do Outro. Na neurose, tentamos lidar com este real quando amamos. Vivemos a experiência do exílio do Outro como seres de linguagem. Miller alude ao *ser* como "a coisa mais íntima colocada no exterior", referindo-se à possibilidade que um sujeito tem de se constituir como tal com base no significante e os seus efeitos que permitem o laço ao outro, e que, por sua vez, implica uma perda.

"Este Outro que é dissimétrico em relação ao sujeito, este Outro que é o lugar da verdade onde as cadeias do significante se desenvolvem e o seu tesouro é condensado, este Outro contém noutra

coisa que produz amor e a que Lacan chamou objeto a" (26). O laço ao Outro coloca-nos na transacção do objeto e na dimensão do objeto perdido como um efeito de incompletude, a inexistência da relação sexual ocorre e o amor torna-se uma possibilidade face a esta perda estrutural. Nas palavras de Lacan, "a suplência da relação sexual é o amor" (27).

"Com a extimidade, lidamos com o princípio dos afetos, do que abala e afeta ao sujeito. (...) Nesta perspectiva, na medida em que é completamente distinta da pura exterioridade, a extimidade designa nada menos do que um hiato no coração da identidade consigo mesmo" (28), diz Miller. Na medida em que estamos exilados da nossa própria identidade, mesmo sem ser partenaire de nós mesmos, é conveniente ler a "não-relação sexual", ligando-a à palavra "exílio".

[1] Lacan, J. " O seminário Livro VII : A ética da psicanálise " Buenos Aires : Paidós, 2007.

[2] Miller, J.-A. "Extimidad" Buenos Aires: Paidos, 2010, p. 43

[3] Lacan, J. "Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise" Buenos Aires: Paidos, 2007.

[4] O CIR (contrato de integração republicana) é um contrato exigido de quem alcança o status de "refugiado" na França. O reconhecimento dos valores e tradições francesas é necessário.

[5] Alberti, C., Ansermet, F., Brousse, M.-H., Gana, A., Guaraguara, S. "Exils, respect psychanalytiques" Sous a direção de Sofia Guaraguara. Textes établis por Flavia Hofstetter, Genebra: 2019.

[6] É possível ouvi-lo com medo de Richard Millet quando ele diz em uma grande rádio francesa: "alguém que continua a chamar a terceira geração de Maomé, para mim, não pode ser francês".

[7] Laurent, E. "Le racisme 2.0", Lacan Quotidien n ° 371, 19 de setembro de 2014.

[8] Alberti, C. "Exils, considera os psicanálise" Sous a direção de Sofia Guaraguara. Textes établis por Flavia Hofstetter, Genebra: 2019.

[9] Lacan, J. "Seminário XIV, A lógica do fantasma" 1967, (não publicado).

[10] Freud, S. "Pesar e melancolia"

[11] Freud, S. "Duel and Melancholy" Op cit., P 243.

[12] Fonte da Internet: <https://dle.rae.es/exilio?m=form> .

[13] Hofstetter, F. (30 de junho de 2021). Conferência "Identidades e Exílio" do ciclo Introdução à Psicanálise Lacaniana do Século XXI . [Em processo de publicação] .

[14] François Ansermet. Conferência: Exílio e Separação. <https://radiolacan.com/en/podcast/conference-exile-and-separation/3>

[15] "É necessário romper com o repertório habitual da terminologia do exílio e proceder a um retorno a nós mesmos, onde cada um se revê. Rasgar de uma vez por todas certos véus que nos cegam". Cortázar, J., "Cortázar parle de l'exil": <http://les4cats.free.fr/exiljc.htm>

[16] Teixeira, V. " La langue de personne ou l'outre-langue des écrivains de nulle part "

[17] L para a poesia testemunha o que são palavras mais íntimas de seu encontro com o buraco na língua, tão impossível de dizer

[18] Freud, S. "O poeta e os sonhos diurnos" em Obras completas. Tole II. New Library, 1996, p. 1343.

[19] Ibid. Freud estabelece uma estrutura no ato criativo: "o presente remete ao passado e espera satisfação no futuro; assim, passado, presente e futuro aparecem entrelaçados no fio do desejo ". Esse espaço proposto por Freud como "entre" é a sua forma de introduzir a dimensão do desejo no ato criativo, efeito de uma "lágrima original" no ser falante.

[20] Luca nasceu em Bucareste, no bairro judeu. Desde a adolescência afirma ter escolhido “um nome e uma perda”, definindo-se como “apátrida”, sente que “a sua pátria é o seu corpo, é a sua identidade, é a sua voz”. Só *in-extremis*, depois de viver mais de quarenta anos em Paris sem nenhum tipo de documento que comprove sua nacionalidade, ele aceita ser naturalizado como francês.

[21] Deleuze, " Critique et Clinique " Considerado por Deleuze o maior poeta francês, Luca inventou uma "gagueira que não é de uma palavra, mas de uma língua inteira"

[22] Ele faz a língua francesa explodir, contornando todas as leis gramaticais ou fonéticas. O significado desaparece em um mar de mal-entendidos onde a ressonância sonora da linguagem orienta a escrita.

[23] Laurent, E. "La passe entre les langues ou dire Babel" Quarto n ° 99, p. 26

NT : Todas as traduções são nossas.

[24] “A sexualidade está, sem dúvida, no centro de tudo o que acontece no inconsciente. Mas está no centro enquanto falta. Ou seja, em vez de tudo o que se poderia escrever como relação sexual propriamente dita, substituem-se os impasses gerados pela função do gozo sexual, na medida em que se apresenta como este ponto de miragem (...) do gozo absoluto. E é verdade que (...) não é absoluta (...) está condenada a essas diferentes formas de fracasso que constituem a castração, para o gozo masculino, a divisão, para o gozo feminino ”. Lacan, J. "Je parle aux murs" Paris: Seuil, 2011, p. 35

[25] Lacan, J. "Le Séminaire livre XIX, ... ou pire" Paris: Seuil, 2011, p. 13

[26] Miller, J.-A. "Extimidad". Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 22

[27] Lacan, J. "Seminario XX, Still" Buenos Aires, Paidos, p. 59.

[28] Miller, J.-A. "Extimidad". Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 22

Lectura y traducción al português Marlon Cortes